

Sloane



Não estava nos meus planos para este dia invadir uma *villa* grega que custa dez mil dólares por noite, mas os planos mudam e as pessoas adaptam-se, sobretudo quando têm clientes que insistem em tornar a sua vida tão difícil quanto possível.

Raspei com os joelhos no betão quando me ergui para o parapeito do terraço e passei por cima da balaustrada. Se estragasse o meu vestido *Stella Alonso* novinho em folha, matava este tipo, depois reanimava-o para limpar a confusão, e matava-o outra vez.

Felizmente para ele, aterrei no terraço sem mais incidentes e calcei os sapatos de salto alto que para ali atirara antes. O bater pesado do meu coração seguiu-me até à porta de vidro de deslizar, em cuja fechadura eletrónica encostei a chave mestra que «pedi emprestada» a uma das funcionárias da limpeza.

Podia ter entrado pela porta principal, mas ficava demasiado exposta. O terraço das traseiras era mais discreto.

A fechadura zumbiu e, por um aterrorizante segundo, pensei que não ia abrir. Mas depois a luz verde acendeu-se e permiti-me um suspiro de alívio antes de voltar a cerrar os maxilares.

Entrar em casa era a parte fácil. Conseguir que *ele* estivesse num país diferente ao pôr do Sol era outra história.

Fiz um pequeno desvio até à cozinha, depois atravessei a sala de estar na direção do quarto principal. Estremeci ao ver as garrafas

de cerveja vazias em cima da bancada e recorri a toda a força de vontade para não as pôr no cesto da reciclagem, para não esterilizar o mármore e não borrifar a divisão com ambientador.

*Concentra-te.* Estava em jogo a minha reputação profissional e pessoal.

A *villa* estava fresca e silenciosa, apesar de o sol do início da tarde entrar pelas janelas; o quarto encontrava-se ainda mais fresco e silencioso.

Talvez tivesse sido por isso que, quando me dirigi à cama e despejei, sem a menor cerimónia, a tigela cheia de água gelada sobre o seu ocupante adormecido, a velocidade da sua reação me surpreendeu e arrancou um arquejo raro.

Uma mão forte saiu disparada e agarrou-me no pulso. A tigela vazia caiu no chão com um estrondo e o quarto virou-se de pernas para o ar à medida que ele me puxava para baixo, me voltava de costas e me prendia contra a cama, tudo antes de o arquejo terminar de sair dos meus lábios.

Xavier Castillo fitou-me, o rosto habitualmente bonito parecia uma carranca.

O único filho do homem mais rico da Colômbia e o meu cliente menos cooperante costumava ser uma pessoa desconfiada por natureza, mas não havia a menor desconfiança na forma como o seu braço me pressionava a garganta nem nos noventa quilos de músculo sólido que me encurralavam.

O olhar carrancudo descontraiu-se e transformou-se em fúria com um toque de terror à medida que me reconheceu.

— Sloane?

— *Esse é*, efetivamente, o meu nome. — Ergui o queixo, tentando não me concentrar no calor do seu corpo comparado com o colchão fresco atrás de mim. — Agora, se não te importas de me libertar de imediato, fico muito agradecida. Estou a dar cabo de um vestido de setecentos dólares.

— *Mierda* — praguejou e tirou o braço do meu pescoço para conseguir levantar-me. — O que *diabo* fazes aqui?

— O meu trabalho. — Empurrei-o e levantei-me. Era de mim ou o quarto estava exponencialmente mais frio do que cinco minutos antes? — Hoje é dia doze. Sabes bem onde devias estar, e não é aqui. — Fitei-o, desafiando-o a discutir comigo.

— Pensei que era um intruso. Podia ter-te magoado, sabes? — Agora, que já determináramos que eu não estava ali para o raptar ou assaltar, um sorriso malicioso que me era familiar substituiu a carranca. Xavier, o espelho da indiferença, voltou a deitar-se. — Bem, tecnicamente, és uma intrusa, embora uma muito bonita. Se querias juntar-te a mim na cama, bastava dizeres. Não era preciso este aparato todo. — Arqueou uma sobrancelha para a tigela no chão. — Como entraste aqui, já agora?

— Roubei uma chave mestra, mas não tentes distrair-me. — Ao fim de três anos a trabalhar com ele, já estava habituada aos seus truques. — É uma da tarde, Xavier. O teu jato espera-nos no aeroporto, se sairmos na próxima meia hora, ainda chegamos a Londres a tempo da gala desta noite.

— Excelente plano. — O Xavier esticou os braços por cima da cabeça e bocejou. — Só há um problema: eu não vou.

Enterrei as unhas na palma das mãos antes de conseguir controlar-me. *Respira, Sloane. Não te esqueças de que é considerado pouco profissional assassinar os clientes.*

— Vais sair da cama — disse, a minha voz fria o suficiente para congelar as gotículas de água que ainda cintilavam sobre a sua pele. — Vais entrar no avião, marcar presença na gala, sorrir e ficar o tempo todo que o evento durar como o bom representante da família Castillo que és, senão assegurar-me-ei pessoalmente de que nunca mais terás um momento de sossego na vida. Invado todas as festas a que fores, afugento todas as mulheres que se mostrem estúpidas o bastante para se deixarem arrastar para a tua órbita, e sabes aqueles amigos que alimentam os teus piores impulsos? Vou pô-los na lista negra dos meus eventos. Posso fazer da tua vida um verdadeiro inferno, Xavier, por isso, *não* me queiras como inimiga.

Ele voltou a bocejar.

Sempre fora esta a nossa dinâmica desde que o pai do Xavier me contratara havia três anos, um pouco antes de ele se mudar de Los Angeles para Nova Iorque, mas já me cansara de o tratar com medidas e cuidados.

— *Então és a minha nova assessora de imprensa.* — Xavier recostou-se na cadeira e pôs os pés em cima da minha secretária. Os dentes brancos cintilavam contra a pele bronzeada e os olhos brilhavam com um ar de troça que me irritou.

*Tinham-se passado dez segundos desde que conhecera o meu cliente mais lucrativo e já o detestava.*

— *Tira imediatamente os pés da minha secretária e comporta-te como um adulto.* — *Estava-me nas tintas se o Alberto Castillo me pagava o triplo dos meus honorários habituais para tomar conta do filho. No meu escritório, ninguém me falta ao respeito.* — *De contrário, podes sair e explicar ao teu pai por que razão foste dispensado pela tua assessora logo no primeiro dia. Imagino que isso tenha um impacto negativo nos teus fundos.*

— *Ah, és uma dessas.* — *Obedeceu, mas o sorriso endureceu ao ouvir-me mencionar o pai.* — *Uma rígida cumpridora de regras. Entendido. Devias ter-te apresentado logo assim, em vez de dizeres o teu nome.*

*A minha caneta favorita estalou com a força do meu punho.*

*Não era uma pessoa supersticiosa, mas até eu percebi que este início não augurava nada de bom para o futuro da nossa relação.*

*E estava certa.*

De vez em quando, deixava-o escapar-se com certas coisas porque os Castillo representavam o meu maior contrato, mas a minha função era manter imaculada a reputação da família, não andar a dar graxa ao herdeiro da fortuna.

O Xavier era um homem adulto. Estava na hora de agir como tal.

— *Isso é uma ameaça e peras* — disse com voz arrastada. — *Todas as festas e todas as mulheres? Deves gostar mesmo de mim.*

Deslizou da cama com a graciosidade de uma pantera a acordar da sesta. As calças de fato de treino cinzentas desciam-lhe nas ancas e

revelavam a pele castanho-dourada e os músculos em V que ninguém esperava encontrar numa pessoa que passava a maior parte dos dias a festejar e a dormir. As tatuagens serpenteavam pelo peito e pelos ombros despidos, descendo pelos braços em padrões intrincados.

Se fosse outra pessoa qualquer, teria admirado a masculinidade bruta que se apresentava à minha frente, mas tratava-se do Xavier Castillo. No dia em que admirasse qualquer outra coisa que não o seu compromisso à ausência de compromissos, voltaria a chorar fisicamente.

— Não te preocupes, Luna — disse ele, apercebendo-se do meu escrutínio com um pequeno sorriso. — Eu não conto aos teus outros clientes que sou o favorito.

Por vezes, o Xavier tratava-me pelo meu nome; outras, por Luna. Não era a minha alcunha, o nome do meio nem nada que se assemelhasse a Sloane, mas ele recusava-se a explicar por que motivo me chamava isto, e eu já desistira há muito tempo de tentar que não o fizesse ou que se explicasse.

— Vá lá, encara isto com seriedade, para variar — disse-lhe. — É um evento de homenagem ao *teu* pai.

— Mais uma razão para não ir. Até parece que o meu velhote vai lá estar para receber o prémio. — O sorriso do Xavier não vacilou, mas nos seus olhos brilhou uma centelha de perigo. — Ele está a morrer, ou já te esqueceste?

As palavras abateram-se sobre nós e sugaram todo o oxigénio que existia no quarto enquanto nos fitávamos, a sua calma imperturbável contra a minha frustração crescente.

A relação dos Castillo, pai e filho, era terrivelmente espinhosa, mas Alberto Castillo contratara-me para gerir a reputação de ambos, não os seus problemas pessoais — isto é, até aquilo que acontecia entre paredes se alastrar para a esfera pública.

— As pessoas já te acham um fedelho rico e mimado por te teres escusado às responsabilidades quando o teu pai foi diagnosticado. — Não medi as palavras. — Se faltares a um evento que pretende homenagear o seu trabalho filantrópico, a imprensa come-te vivo.

— Já o fazem, e *homenagear*? — O Xavier ergueu as sobrancelhas. — O homem passa-lhes um cheque de um par de milhões de dólares todos os anos. Depois, não só recebe isenções fiscais por conta da generosidade, como ainda o elogiam por ser um filantropo. Nós os dois sabemos bem que o prémio não significa porra nenhuma. Qualquer pessoa com os bolsos fundos o pode receber. Além disso... — Encostou-se à parede e cruzou os braços. — Mykonos é mais divertido do que essa gala bafienta. Devias ficar aqui. O ar do mar ia fazer-te bem.

Caraças, reconhecia aquele tom de voz. Era um que dizia «podes encostar-me uma arma à cabeça que mesmo assim não cedo só porque sei que te vou irritar». Já o ouvira vezes sem conta.

Fiz um cálculo mental rápido.

Não chegara aonde estava na minha carreira a travar batalhas perdidas. *Precisava* de estar em Londres naquela noite, e a nossa janela de oportunidade para partirmos a horas fechava-se. Nem sequer punha a hipótese de faltar ao meu encontro, mas se o Xavier ficasse na Grécia, o meu trabalho exigia que eu também ali permanecesse e tomasse conta dele.

Uma vez que não tinha tempo para o fazer sentir-se culpado, para o ameaçar ou persuadir a fazer o que eu queria, como, de resto, costumava acontecer, restava-me uma hipótese.

Um acordo.

Cruzei os braços, imitando a sua postura.

— Diz lá, então.

Ele arqueou ainda mais as sobrancelhas.

— A tua condição — reforcei. — Aquilo que queres em troca para marcares presença na cerimónia de entrega de prémios. Já sabes que tudo o que envolva drogas, sexo ou atividades ilegais está fora da negociação. De resto, estou disposta a discutir.

Ele semicerrou os olhos. Não esperava que eu cedesse tão facilmente, e se não precisasse de estar em Londres às oito da noite, não cederia. Mas não podia falhar o meu compromisso, por isso teria de negociar com o diabo.

— Muito bem. — As faces do Xavier vincaram-se com as covinhas e o sorriso característico, embora no seu rosto ainda pairasse uma sombra de desconfiança. — Uma vez que estás a ser tão direta, eu também o vou ser. Quero férias.

— Já estás de férias.

— Não é para mim. É para ti. — Desencostou-se da parede, os seus passos lânguidos e deliberados enquanto atravessava o quarto e parava a escassos centímetros de mim. — Vou à gala se prometeres que te juntas a mim durante três semanas em Espanha. Sem trabalho, só diversão.

O pedido surgiu tão inesperado que quase cambaleei enquanto tentava entender o que me dizia.

— Queres que eu tire *três semanas* de férias?

— Sim.

— Perdeste completamente o juízo.

Desde que fundara a minha agência-*boutique* de relações públicas, Kensington PR, há seis anos, tirara dois dias de férias. O primeiro por ocasião do funeral da minha avó. O segundo quando fui hospitalizada com pneumonia (algo que nos acontece se perseguirmos *paparazzi* no pico do inverno). E mesmo assim, estive a par dos *e-mails* através do telemóvel.

Eu era o trabalho. O trabalho era eu. A ideia de abandonar as minhas funções nem que fosse por breves instantes dava-me dores de barriga.

— O acordo é este — disse o Xavier, encolhendo os ombros. — É pegar ou largar.

— Esquece. Não vai acontecer.

— Tudo bem. — Virou-se novamente para a cama. — Nesse caso, vou voltar a dormir. Estás à vontade para ficar aqui ou voar para casa. Não me importa.

Cerrei os dentes.

O cabrão. Ele *sabia* bem que não ia deixá-lo ali a semear o caos. Com a minha sorte, naquela noite ainda fazia uma orgia pública na praia só para pôr as pessoas a falar e salientar que não estava na gala onde devia estar.

Olhei de relance para o relógio na parede. Tínhamos de sair dali a um quarto de hora para chegarmos à gala a tempo.

Se não fosse pelo meu compromisso às oito da noite em Londres, teria aceitado o *bluff* do Xavier, mas...

*Caraças, pá.*

— Consigo tirar dois dias — cedi. Um fim de semana também não me ia matar, pois não?

— Duas semanas.

— *Uma* semana.

— Fechado. — As covinhas do seu rosto voltaram a cegar-me, e percebi que fora enganada. Ele começara deliberadamente com uma oferta mais alta para me fazer regatear até chegar ao seu plano inicial.

Infelizmente, era tarde para arrependimentos, e quando me estendeu a mão, não tive escolha senão apertá-la e aceitar o tempo que me propunha.

Esta era a pior parte de lidar com o Xavier. Ele era inteligente, mas aplicava a inteligência nas coisas erradas.

— Não olhes para mim como se tivesse matado o teu peixe de estimação — disse com a voz arrastada. — Vou levar-te de férias. Irá ser divertido. Confia em mim.

O seu sorriso alargou-se perante o meu olhar gélido.

Uma semana em Espanha com uma das pessoas do planeta de quem menos gostava. O que podia correr mal?